

## BALANÇA COMERCIAL DO AGRIBUSINESS DO NORDESTE<sup>1</sup>

Mauricio Teixeira Rodrigues<sup>2</sup>  
Francisco Raimundo Evangelista<sup>3</sup>

### RESUMO

O propósito deste trabalho é mensurar a contribuição do *agribusiness* na geração de divisas para a Região Nordeste do Brasil e, em última instância, para o saldo total da balança comercial nordestina. Com esse objetivo, apresenta-se uma nova proposta metodológica para a delimitação das atividades que integram aquele segmento da economia, as quais foram agrupadas nos três elos que lidam com produtos *tradebles*: insumos, produtos *in natura*, produtos processados/semi-processados. Foram utilizados os dados de exportação e importação computados pelo Banco Central, agrupados para os nove estados da Região, relativos ao ano de 1998.

Os resultados são apresentados em três níveis analíticos: para a Região como um todo, por elo e por estado. Em termos de Região, constata-se, inicialmente, que enquanto o saldo global da balança comercial nordestina foi deficitário em US\$ 61,3 milhões, a balança do *agribusiness* apresentou um superávit de US\$ 564,6 milhões. Com respeito aos três elos das cadeias produtivas, os responsáveis pelo superávit da balança foram os produtos processados/semi-processados, que geraram um saldo positivo de US\$ 835, 5 milhões, uma vez que tanto os segmentos de insumos quanto o de produtos *in natura* tiveram suas exportações suplantadas pelas importações. Os principais produtos exportados pela Região foram os derivados de cana-de-açúcar. Em termos de performance estadual, constatou-se que há uma estreita correlação entre os saldos das balanças global e do *agribusiness* dos estados, tendo sido destacados os produtos que mais contribuíram para os resultados encontrados.

### ABSTRACT

The purpose of this study is to measure the agribusiness' contribution on the generation of exchanges for the Northeast region of Brazil and, ultimately, on the total result of the northeastern trade balance. With that objective, it is presented a new methodological proposal for the delimitation of activities which integrate that economic segment, jointed in the three links that deal with tradebles products: input, "in natura" products and processed/semi-processed products. The export and import data source is Brazil's Central Bank and was grouped for the nine states of the region, for the year of 1998.

The results are presented in three analytic levels: for the region as a whole, for each link and for state. In terms of the region, it is verified, initially, that while the global result of the northeastern trade balance was a deficit of US\$ 61,3 million, the agribusiness balance presented a superavit of US\$ 564,6 million. Regarding the three

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no XXXVIII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, no Rio de Janeiro-RJ, de 30 de julho a 05 de agosto de 2000.

<sup>2</sup> Mestre em Economia Aplicada (USP/ESALQ); Pesquisador do Banco do Nordeste (Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – ETENE). [maurodri@banconordeste.gov.br](mailto:maurodri@banconordeste.gov.br)

<sup>3</sup> Mestre em Economia Aplicada (USP/ESALQ); Pesquisador do Banco do Nordeste (Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – ETENE). [evan@banconordeste.gov.br](mailto:evan@banconordeste.gov.br)

links of the productive chains, the mainly responsible for balance superavit were the processed/semi-processed products, that generated a credit of US\$ 835,5 million, because both the segments of input and “in natura” products had its exports surpassed by the imports. The main products exported by the region were the ones derived from sugar-cane. In terms of state performance, it was verified that there is a narrow correlation among the results of the global balance and that of the states’ agribusiness, The study highlights the products that contributed more to the results.

## 1. Introdução

No processo de desenvolvimento econômico, o setor agropecuário pode contribuir: a) ofertando os alimentos e as matérias-primas necessários ao setor não-agrícola; b) adquirindo produtos manufaturados pela indústria doméstica; c) fornecendo mão-de-obra e capital ao setor não-agrícola; e d) gerando divisas, seja pela exportação, seja pela substituição de importações de produtos primários, de forma a permitir a aquisição dos bens de capital exigidos pelo processo de desenvolvimento.

Em virtude da sua carência de poupança interna e da defasagem tecnológica dos seus produtos industrializados, os países e regiões menos desenvolvidos têm produzido políticas agrícolas que enfatizam aquela última contribuição. Apesar do conhecimento da tendência de deterioração dos termos troca, as exportações de produtos primários são, muitas vezes, a forma mais imediata (quando não a única) de financiar as importações.

Uma das maneiras de garantir uma participação vantajosa no comércio exterior é por meio da agregação de valor aos produtos primários, seja ampliando as exportações de produtos primários processados; seja promovendo a diferenciação (pela qualidade ou por outras virtudes) dos produtos exportados. Nestes casos, passa a ser importante conhecer e acompanhar não a balança comercial da agropecuária mas sim a balança comercial do “*agribusiness*” – compreendido como “o conjunto de atividades agropecuárias, industriais e de serviços que mantêm sinergias de caráter tecnológico, comercial e econômico, cuja matéria-prima principal venha do setor agropecuário ou cujo produto final tenha naquele setor o seu mercado”.

A análise do comércio exterior sob essa ótica pode resultar em políticas diferentes daquelas voltadas exclusivamente para o apoio das exportações agropecuárias, posto que novas atividades são incluídas e estratégias de competição distintas são requeridas (participar menos dos mercados das “*commodities*” e mais no das “*especialidades*”, por exemplo).

Por isso, este trabalho apresenta, de forma pioneira, a Balança Comercial do *Agribusiness* do Nordeste, de 1998. Além destas considerações introdutórias, são apresentados, na seção 2, os procedimentos metodológicos adotados na escolha dos produtos que integram o *agribusiness*. Na seção 3, apresentam-se os resultados das exportações, importações e saldos gerados. Nas conclusões, procura-se chamar a atenção para algumas constatações possibilitadas pela divulgação da Balança Comercial do *Agribusiness* do Nordeste e ressaltar a sua utilidade como instrumento de análise.

## 2. Metodologia

A substituição da noção de agropecuária, como uma atividade segmentada, pela visão de *agribusiness*, ocorrida principalmente ao longo da última década e que contribuiu de forma decisiva para a consolidação e potencialização da importância das

atividades ligadas à produção primária na geração de divisas, não se tem refletido numa mesma proporção na mensuração de sua efetiva participação nas balanças comerciais nacional, regionais e estaduais.

Conseqüentemente, as poucas referências às exportações ou importações do *agribusiness* brasileiro têm se circunscrito ao campo das estimativas, geralmente com pouca clareza quanto à metodologia utilizada para a efetivação dos cálculos.

Cabe destacar que algumas instituições têm publicado sistematicamente dados sobre a balança comercial do setor agropecuário brasileiro, como é o caso da Confederação Nacional da Agricultura (veja-se o periódico Indicadores Rurais) e da Companhia Brasileira de Abastecimento – CONAB (na publicação Indicadores da Agropecuária).

O enfoque da Confederação é o de produtos selecionados, entre os quais estão presentes tanto produtos “in natura” (café cru ou em grão, soja mesmo triturada...) como processados (suco de laranja, açúcar refinado...), configurando uma abordagem que vai além do setor agropecuário clássico. Idêntica é a abordagem da CONAB. Nenhuma dessas instituições incorpora, entretanto, as transações envolvendo os insumos agropecuários. Tampouco fornecem informações regionalizadas, lacuna que se procura preencher com o presente trabalho com respeito ao Nordeste. O problema com a seleção de produtos é a possibilidade de adoção de diferentes critérios de escolha.

Seguramente, um importante empecilho à mensuração dos indicadores econômicos do *agribusiness* de um país ou região diz respeito às dificuldades de se delimitar, de forma precisa e inequívoca, quais atividades devem ser incluídas como integrantes desse segmento da economia. Com efeito, o que se tem observado, na prática, é que a abrangência dessa delimitação, ou seja, até onde se avança ao longo das cadeias produtivas, tem obedecido fundamentalmente aos propósitos que se pretende alcançar com o respectivo estudo.

No presente caso, a determinação das atividades que foram consideradas como integrantes do *agribusiness* regional teve como base a conceituação apresentada na seção introdutória deste trabalho. Os produtos constantes da balança comercial foram distribuídos nos grupos e subgrupos constantes do Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Grupos e Subgrupos Integrantes da Balança Comercial do *Agribusiness* do Nordeste

INSUMOS	PRODUTOS AGROPECUÁRIOS	PRODUTOS PROCESSADOS E SEMI-PROCESSADOS
Adubos, fertilizantes e defensivos	Frutas e olerícolas	Derivados de frutas e olerícolas
Máquinas e equipamentos	Grãos	Derivados de grãos
Medicamentos veterinários	Amêndoas	Derivados de amêndoas
Sementes e mudas	Fumo	Derivados de fumo
Outros insumos	Fibras	Fibras processadas
	Cana-de-açúcar	Derivados de cana-de-açúcar
	Madeira	Derivados de madeira
	Carnes e ovos	Carnes processadas
	Peixes, moluscos e crustáceos	Peixes, moluscos e crustáceos processados
	Animais vivos	Borracha natural
	Outros produtos agropecuários	Bebidas alcólicas
		Produtos lácteos
		Couros e peles
		Ceras, óleos e gorduras
		Outros produtos processados e semi-processados

Para a delimitação específica do grupo de **produtos processados**, onde geralmente se concentram as maiores controvérsias sobre quais etapas pertencem ou não ao *agribusiness*, foram computados, de uma maneira geral, os produtos abrangidos numa definição *strictu sensu* de **agroindústria**, ou seja, considerando-se apenas a **primeira etapa de transformação** da matéria-prima de origem agropecuária. Assim, tomando-se como exemplo o Sistema Agroindustrial do Algodão, computaram-se apenas o produtos compreendidos até a **fiação**, visto que nesta etapa o algodão ainda é o principal insumo.

Desta forma, foi dispensado o seguinte tratamento para os sistemas agroindustriais (SAG):

Quadro 2 – Produtos Processados – Etapas e Produtos Computados no Cálculo da Balança Comercial do *Agribusiness* do Nordeste.

<b>SAG</b>	<b>Etapas / Produtos</b>
Grãos	“in natura”, farelos e óleos, rações e sementes preparadas
Fumo	Matéria-prima, cigarros e charutos
Fibras	Até a fiação
Madeira	Madeira serrada e celulose
Borracha	Até a borracha natural
Couros e peles	Até o curtume
Produtos alimentícios	“in natura” e todas as fases do processo de industrialização

Em conseqüência, o *agribusiness* nordestino, em 1998, teve o desempenho retratado na Tabela 1 adiante, que será comentada na próxima seção. Na Tabela 4 tem-se ainda a participação do *agribusiness* de cada estado do Nordeste na balança comercial da região.

Tabela 1 – Balança Comercial do Agribusiness Nordestino – 1998  
(US\$ 1.000)

SEGMENTO/PRODUTOS	EXPOR- TAÇÕES	%	IMPOR- TAÇÕES	%	SALDO	%
<b>INSUMOS (1)</b>	<b>43.638</b>	<b>2,78</b>	<b>80.859</b>	<b>8,06</b>	<b>-37.221</b>	<b>-6,59</b>
Adbos, fertilizantes e defensivos	37.813	2,41	4.202	0,42	33.611	5,95
Máquinas e equipamentos	4.001	0,26	28.126	2,81	-24.125	-4,27
Medicamentos veterinários	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Sementes e mudas	198	0,01	2.529	0,25	-2.331	-0,41
Outros insumos	1.626	0,10	46.002	4,59	-44.376	-7,86
<b>PRODUTOS</b>						
<b>AGROPECUÁRIOS (2)</b>	<b>535.344</b>	<b>34,16</b>	<b>768.961</b>	<b>76,69</b>	<b>-233.617</b>	<b>-41,38</b>
Frutas e olerícolas	65.628	4,19	16.233	1,62	49.395	8,75
Grãos	198.018	12,63	396.864	39,58	-198.846	-35,22
Amêndoas	150.361	9,59	18.875	1,88	131.485	23,29
Fumo	36.008	2,30	33	0,00	35.975	6,37
Fibras	40	0,00	255.405	25,47	-255.365	-45,23
Cana-de-açúcar	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Madeira	30.561	1,95	0	0,00	30.561	5,41
Carnes e ovos	0	0,00	20.671	2,06	-20.671	-3,66
Peixes, moluscos e crustáceos	50.531	3,22	59.574	5,94	-9.043	-1,60
Animais vivos	567	0,04	191	0,02	375	0,07
Outros produtos agropecuários	3.630	0,23	1.113	0,11	2.518	0,45
<b>PRODUTOS PROCESSADOS E SEMI-PROCESSADOS (3)</b>	<b>988.263</b>	<b>63,06</b>	<b>152.810</b>	<b>15,24</b>	<b>835.453</b>	<b>147,97</b>
Derivados de frutas e olerícolas	44.099	2,81	10.240	1,02	33.859	6,00
Derivados de grãos	3.914	0,26	55.518	5,54	-51.605	-9,14
Derivados de amêndoas	137.539	8,78	3.427	0,34	134.112	23,75
Derivados de fumo	925	0,06	31	0,00	894	0,16
Fibras processadas	27.791	1,77	1.827	0,18	25.964	4,60
Derivados de cana-de-açúcar	476.976	30,43	24.480	2,44	452.496	80,14
Derivados da madeira	156.831	10,01	810	0,08	156.021	27,63
Borracha natural	2	0,00	2.208	0,22	-2.206	-0,39
Ceras, óleos e gorduras	66.014	4,21	12.804	1,28	53.210	9,42
Bebidas alcólicas	511	0,03	2.832	0,28	-2.321	-0,41
Carnes processadas	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Peixes, moluscos e crustáceos processados	84	0,01	888	0,09	-804	-0,14
Produtos lácteos	193	0,01	22.225	2,22	-22.032	-3,90
Couros e peles	66.588	4,25	11.996	1,20	54.592	9,67
Outros produtos processados e semi-processados	6.590	0,42	3.524	0,35	3.066	0,54
<b>TOTAL: (1)+(2)+(3)</b>	<b>1.567.245</b>	<b>100,00</b>	<b>1.002.630</b>	<b>100,00</b>	<b>564.616</b>	<b>100,00</b>

Fonte dos dados originais: SECEX- DECEX - Sistema Alice

Tabela 2 – Participação do *Agribusiness* do Nordeste na Balança Comercial da Região, por Estado, em 1998 (US\$ 1.000).

UF	Importações			Exportações			Saldo	
	Agribusiness	Totais	A/B	Agribusiness	Totais	C/D	Agrib.	Total
	A	B	%	C	D	%	E	F
AL	9.731	37.264	26,11	264.877	264.877	100,0	255.146	227.613
BA	163.412	1.464.871	11,16	628.123	1.828.882	34,34	464.712	364.011
CE	306.290	651.325	47,03	198.508	353.325	56,18	-107.782	-298.000
MA	19.269	319.362	6,03	73.816	635.554	11,61	54.547	316.192
PB	99.065	155.445	63,73	25.576	54.084	47,29	-73.489	-101.361
PE	305.780	914.831	33,42	239.799	362.257	66,20	-65.981	-552.574
PI	5.611	23.457	23,92	41.434	58.809	70,45	35.823	35.352
RN	34.839	81.045	42,98	80.191	101.694	78,86	45.353	20.649
SE	58.633	104.385	56,17	14.921	31.210	47,81	-43.713	-73.175
NE	<b>1.002.630</b>	<b>3.751.985</b>	<b>26,72</b>	<b>1.567.245</b>	<b>3.690.692</b>	<b>42,46</b>	<b>564.616</b>	<b>-61.293</b>

Fonte dos dados originais: SECEX-DECEX - Sistema Alice

### 3. Desempenho Estadual

#### 3.1. Participação do *agribusiness* na formação dos saldos das balanças comerciais

Dos nove estados que compõem a região Nordeste, cinco (Alagoas, Bahia, Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte) apresentaram saldo superavitário tanto na balança comercial total como na do *agribusiness* (Tabela 2). Os demais (Ceará, Paraíba, Pernambuco e Sergipe) apresentaram déficit nas duas balanças. Em todos os casos, é importante ressaltar a participação do *agribusiness*, seja para gerar o superávit, seja para reduzir o déficit da balança comercial total, conforme se pode observar a seguir:

Tabela 3 – Participação do *Agribusiness* no Saldo da Balança Comercial da Região, por Estado, em 1998 (US\$ 1.000).

UF	Saldo da Balança Comercial		
	Agribusiness (A)	Totais B	A/B %
ALAGOAS	255.146	227.613	<b>112.10</b>
BAHIA	464.712	364.011	<b>127.66</b>
CEARÁ	-107.782	-298.000	<b>36.17</b>
MARANHÃO	54.547	316.192	<b>17.25</b>
PARAÍBA	-73.489	-101.361	<b>72.50</b>
PERNAMBUCO	-65.981	-552.574	<b>11.94</b>
PIAUI	35.823	35.352	<b>101.33</b>
R.G. DO NORTE	45.353	20.649	<b>219.63</b>
SERGIPE	-43.713	-73.175	<b>59.74</b>

Fonte dos dados originais: SECEX-DECEX - Sistema Alice

De uma maneira geral, merecem destaque, como exemplos positivos, os casos dos estados do Rio Grande do Norte, Bahia, Alagoas, e Piauí, nos quais o saldo da balança comercial do *agribusiness* superou com folga o da balança comercial global. Nesse grupo, é emblemática a expressiva participação do *agribusiness* na balança comercial da Bahia (127%), haja vista ser o estado nordestino que detém as mais diversificadas pautas de exportação e importação.

No outro extremo, situam-se os estados de Pernambuco (11,94%) e do Maranhão (17,25%), onde se verificaram as menores participações das atividades inseridas no *agribusiness* na composição do saldo das respectivas balanças comerciais.

Quanto aos estados que apresentaram déficit comercial, é interessante frisar que, na totalidade dos casos, o saldo negativo da balança foi gerado pelo excesso de importação de produtos agropecuários, conforme pode ser verificado pela análise dos dados constantes da Tabela 4.

### 3.2. Participação dos *elos das cadeias produtivas* na composição dos saldos das balanças comerciais

Apresenta-se, a seguir, o desempenho dos três principais elos das cadeias produtivas (insumos, produtos agropecuários e produtos processados e semi-processados), que compõem os agronegócios, na formação dos saldos das balanças comerciais dos estados nordestinos.

Tabela 4 – Participação do *elos da cadeia produtiva* no Saldo da Balança Comercial do Agribusiness do Nordeste, por Estado, em 1998 (US\$ 1.000).

ESTADO	INSUMOS (A)		PRODUTOS AGROPECUÁRIOS (B)		PRODUTOS PROCESSADOS E SEMI-PROCESSADOS (C)		TOTAL (D)	
	Saldo	% (A/D)	Saldo	% (B/D)	Saldo	% (C/D)	Saldo	%
AL	(185)	(0.1)	8,946	3.5	246,385	96.6	255,146	100.0
BA	6,789	1.5	110,944	23.9	346,979	74.7	464,712	100.0
CE	(2,416)	2.2	(125,941)	116.8	20,575	(19.1)	(107,782)	100.0
MA	(7,570)	(13.9)	58,114	106.5	4,003	7.3	54,547	100.0
PB	(15,003)	20.4	(73,227)	99.6	14,740	(20.1)	(73,489)	100.0
PE	(5,548)	8.4	(196,965)	298.5	136,531	(206.9)	(65,981)	100.0
PI	(2,632)	(7.3)	10,912	30.5	27,543	76.9	35,823	100.0
RN	(3,233)	(7.1)	22,502	49.6	26,084	57.5	45,353	100.0
SE	(7,423)	17.0	(48,903)	111.9	12,613	(28.9)	(43,713)	100.0
NE	(37,221)	(6.6)	(233,617)	(41.4)	835,453	148.0	564,616	100.0

Fonte dos dados originais: SECEX-DECEX - Sistema Alice

Observa-se que, à exceção da Bahia, onde se localiza o pólo petroquímico da Região, o elo dos insumos apresenta déficit em todos os estados. Já o comércio exterior de produtos agropecuários não processados foi superavitário para cinco estados (Bahia, Maranhão, Rio Grande do Norte, Piauí e Alagoas) e deficitário nos demais. É importante destacar que o comércio exterior de produtos processados foi superavitário em todos os estados, revelando uma modificação estrutural importante do ponto de vista do desenvolvimento regional.

### 3.3. Principais grupos de produtos

Na Tabela 5 a seguir, destacam-se os principais grupos de produtos exportados ou importados pelos estados, de acordo com os elos das cadeias produtivas a que pertencem.

É no mínimo curioso perceber que o grupo mais freqüente na importação de insumos são os “outros insumos”, onde pesa a compra de malte pelas cervejarias. Já

entre os produtos agropecuários, a importação de grãos é destaque em oito estados, por conta especialmente do trigo, cujos derivados fazem com que, dentre os produtos processados e semi-processados, os “derivados de grãos” sejam os produtos de maior presença.

Tabela 5 – Principais Grupos de Produtos Exportados ou Importados pelos Estados do Nordeste, em 1998 (US\$ milhões)

ESTADO	GRUPO DE PRODUTOS		
	INSUMOS (A)	PRODUTOS AGROPECUÁRIOS (B)	PRODUTOS PROCESSADOS E SEMI-PROCESSADOS (C)
<b>ALAGOAS</b>			
EXPORTAÇÃO	-	Fumo (US\$ 16,4)	Derivados de cana-de-açúcar (US\$ 247,4)
IMPORTAÇÃO	-	Grãos (US\$ 4,0) Frutas e olerícolas (US\$ 3,0)	-
<b>BAHIA</b>			
EXPORTAÇÃO	Adbos, fertilizantes e defensivos (US\$ 37,7)	Grãos (US\$ 121,9)	Derivados de madeira (US\$ 156,7) Derivados de amêndoas (US\$ 137,4)
IMPORTAÇÃO	Outros insumos (US\$ 22,5) Máquinas e equipamentos (US\$ 9,8)	Grãos (US\$ 48,4) Peixes, moluscos e crustáceos (US\$ 18,6) Amêndoas (US\$ 18,1)	Derivados de cana-de-açúcar (US\$ 21,5) Derivados de grãos (US\$ 6,2) Ceras, óleos e gorduras (US\$ 3,4) Derivados de frutas e olerícolas (US\$ 3,3)
<b>CEARÁ</b>			
EXPORTAÇÃO	-	Amêndoas (US\$ 124,1)	Ceras, óleos e gorduras (US\$ 28,3)
IMPORTAÇÃO	Outros insumos (US\$ 1,6)	Grãos (US\$ 141,8) Algodão (US\$ 134,4) Frutas e olerícolas (US\$ 6,6)	Couros e peles (US\$ 6,6) Derivados de grãos (US\$ 4,0) Derivados de frutas e olerícolas (US\$ 2,5)
<b>MARANHÃO</b>			
EXPORTAÇÃO	-	Grãos (US\$ 69,6)	Couros e peles (US\$ 2,8)
IMPORTAÇÃO	Outros insumos (US\$ 4,0) Adbos, fertilizantes e defensivos (US\$ 3,1)	Grãos (US\$ 11,4)	-
<b>PARAÍBA</b>			
EXPORTAÇÃO	-	Peixes, moluscos e crustáceos (US\$ 2,3)	Fibras processadas (US\$ 11,3) Derivados de cana-de-açúcar (US\$ 6,6)
IMPORTAÇÃO	Máquinas e equipamentos (US\$ 10,3) Outros insumos (US\$ 4,4)	Algodão (US\$ 57,0) Grãos (US\$ 17,4)	Derivados de cana-de-açúcar (R2,6) Derivados de grãos (US\$ 2,2) Couros e peles (US\$ 2,0)

PERNAMBUCO			
EXPORTAÇÃO	Máquinas e equipamentos (US\$ 3,7)	Frutas e olerícolas (US\$ 12,9) Peixes, moluscos e crustáceos (US\$ 7,2)	Derivados de cana-de-açúcar (US\$ 195,1) Couros e peles (US\$ 10,4) Derivados de frutas e olerícolas (US\$ 4,8)
IMPORTAÇÃO	Outros insumos (US\$ 3,8) Máquinas e equipamentos (US\$ 3,2)	Grãos (US\$ 152,6) Peixes, moluscos e crustáceos (US\$ 33,5) Carnes e ovos (US\$ 16,9) Algodão (US\$ 10,0) Frutas e olerícolas (US\$ 5,0)	Derivados de grãos (US\$ 41,2) Produtos lácteos (US\$ 18,9) Ceras, óleos e gorduras (US\$ 8,8) Derivados de frutas e olerícolas (US\$ 2,3)
PIAUI			
EXPORTAÇÃO	-	Grãos (US\$ 5,4) Amêndoas (US\$ 4,9)	Ceras, óleos e gorduras (US\$ 16,4) Couros e peles (US\$ 13,5)
IMPORTAÇÃO	Outros insumos (US\$ 2,4)	-	Couros e peles (US\$ 1,9)
RIO GRANDE DO NORTE			
EXPORTAÇÃO	-	Frutas e olerícolas (US\$ 34,0) Amêndoas (US\$ 13,7) Peixes, moluscos e crustáceos (US\$ 4,3)	Derivados de cana-de-açúcar (US\$ 11,4) Couros e peles (US\$ 8,7) Derivados de frutas e olerícolas (US\$ 1,4)
IMPORTAÇÃO	Outros insumos (US\$ 2,3)	Algodão (R\$ 25,0) Grãos (R\$ 3,5)	-
SERGIPE			
EXPORTAÇÃO	-	-	Derivados de frutas e olerícolas (US\$ 14,2)
IMPORTAÇÃO	Outros insumos (US\$ 4,9) Máquinas e equipamentos (US\$ 2,6)	Algodão (US\$ 28,3) Grãos (US\$ 17,7) Peixes, moluscos e crustáceos (US\$ 2,8)	-

Fonte dos dados originais: SECEX-DECEX - Sistema Alice

A exportação de insumos agrícolas destacou-se apenas nos estados da Bahia (adubos, fertilizantes e defensivos) e de Pernambuco (máquinas e equipamentos). A pauta estadual de exportação, considerados apenas os produtos não processados de maior destaque, não é muito diversificada, concentrando-se em grãos, amêndoas e peixes, crustáceos e moluscos.

Dentre os produtos agropecuários processados e semi-processados exportados deve-se chamar a atenção – além dos derivados da cana-de-açúcar - para couros e peles e derivados de frutas e olerícolas.

### 3. Resultados Agregados

#### 3.1. Exportações

A exportação dos produtos do *agribusiness* regional alcançou R\$ 1,57 bilhão em 1998, representando 42,5% do total exportado pelo Nordeste (Tabela 2).

Daquele montante, conforme a Tabela 1, aproximadamente 63% foram gerados pela exportação de **produtos processados e semi-processados**. Nesse grupo, destacam-se os derivados de cana-de-açúcar, de longe os mais importantes na pauta regional de exportações, responsáveis por 30,4% do resultado obtido. Os derivados de madeira, com 10,0%, e os derivados de amêndoas (especialmente de cacau), com 8,8%, vêm a seguir. O Estado da Bahia, em 1998, exportou quase US\$ 20 milhões a mais em derivados de madeira do que em derivados de amêndoas.

Os **produtos agropecuários** (não processados) geraram 34,2% do valor das exportações, com destaque para os grãos (12,6%), as amêndoas (9,6%) e as frutas e olerícolas (4,2%), sendo que nestes últimos a participação do Nordeste correspondeu a aproximadamente 56% do valor exportado pelo Brasil, em 1998. Em quarto lugar vêm os peixes, moluscos e crustáceos, com 3,2%.

À primeira vista, pode parecer surpreendente a participação dos grãos, quando se consideram as limitações edafoclimáticas do semi-árido. Vale lembrar, entretanto, a crescente participação dos cerrados (da Bahia, do Maranhão e do Piauí) na produção regional. De 1990 a 1998, somente a produção de soja no Nordeste passou de 226 mil para 1.529 mil toneladas, o que explica em parte o resultado encontrado.

A castanha de caju é praticamente a única amêndoa exportada pelo Nordeste (US\$ 150 milhões) e, sozinha, superou a receita gerada por toda a fruticultura brasileira de exportação (US\$ 119 milhões em 1998, segundo a Gazeta Mercantil, de 20.12.99).

É importante destacar que, não obstante o direcionamento da fruticultura regional para o consumo “in natura”, se considerarmos as frutas e olerícolas sob todas as suas formas, esse conjunto respondeu por exportações da ordem de quase US\$ 110 milhões, ou 7,0% das exportações do *agribusiness* regional em 1998.

Dentro do segmento dos **insumos**, destacam-se apenas os adubos, fertilizantes e defensivos, responsáveis por 2,4% do total exportado. Cabe registrar que as condições de umidade relativa do ar do Nordeste, associadas à prática da irrigação, credenciam a região para ser uma zona produtora/exportadora de sementes, potencial pouquíssimo explorado, pelo que se vê na Tabela 1.

#### 3.2. Importações

O *agribusiness* regional foi responsável, em 1998, por importações da ordem de US\$ 1,03 bilhão, correspondendo a 26,7% das importações regionais (Tabela 2).

Os **produtos agropecuários** (não processados) contribuíram com 76,7% das importações totais do *agribusiness*, seguidos pelos **produtos processados e semi-processados**, com 15,2% (Tabela 1).

No segmento dos **produtos agropecuários**, destacam-se as importações de grãos (39,6%) e fibras (25,5% - algodão na sua totalidade). Os peixes, moluscos e crustáceos vêm em terceiro lugar, mas com um percentual bem menos significativo (5,9%). Não surpreende, aqui, o resultado dos grãos (especialmente milho e arroz), dadas as fragilidades do semi-árido para a sua produção e o fato de os cerrados da Bahia, Piauí e Maranhão - fronteira agrícola em consolidação - serem especializados em

soja. As compras de algodão, entretanto, da ordem de US\$ 255 milhões, poderiam muito bem ser menores. A importância que tal cultura alcançou na Região no passado é um indicativo de que não existe um impedimento agroclimático intransponível ao seu cultivo.

A importação de **produtos processados e semi-processados** do *agribusiness* deu-se de uma maneira muito mais equilibrada em termos de produtos, destacando-se tão somente os derivados de grãos, com 5,5%, os derivados de cana-de-açúcar (2,4%) e os produtos lácteos (2,2%).

No segmento dos **insumos**, destacou-se a importação de máquinas e equipamentos, responsável por 2,8% do total importado pelo *agribusiness*.

### 3.3. Saldo da Balança Comercial do *Agribusiness*

O saldo em divisas propiciado pelo *agribusiness* nordestino em 1998 foi da ordem de US\$ 564,6 milhões, enquanto a balança comercial total da Região apresentou um déficit de US\$ 61,3 milhões (Tabela 2).

O segmento dos **produtos processados e semi-processados**, sozinho, gerou um saldo positivo de US\$ 835,5 milhões (Tabela 1), para o qual contribuíram decisivamente os derivados de cana-de-açúcar, de madeira e de amêndoas. Neste grupo, sobressaem-se os derivados de grãos e os produtos lácteos como geradores de déficit, muito embora de pouca monta (US\$ 73,1 milhões).

A maior contribuição para a redução do saldo vem mesmo é do grupo dos **produtos agropecuários**, com um déficit da ordem de US\$ 233,6 milhões. No grupo, os maiores déficits são apresentados pelas fibras – leia-se algodão - (US\$ 255,4 milhões) e pelos grãos (US\$ 198,8 milhões). É importante destacar a contribuição dos superávits proporcionados pelas amêndoas (US\$ 131,5 milhões) e pelas frutas e olerícolas (US\$ 49,4 mi) para reduzir o déficit do grupo.

Apesar do superávit apresentado pela rubrica adubos, fertilizantes e defensivos (US\$ 33,6 milhões), o grupo **insumos** teve uma contribuição líquida negativa, originada pela importação de máquinas e equipamentos e, principalmente, por uma vasta miscelânea de insumos de pequeno valor individual.

## 4. Conclusões

Pelos dados levantados, conclui-se que o *agribusiness* regional, ao menos no ano de 1998, contribuiu positivamente na geração de divisas para o Nordeste. Há que se investigar se essa contribuição vem aumentando ou diminuindo com o tempo e frente às contribuições dos produtos não integrantes do *agribusiness*, mas, indubitavelmente, o papel que os seus segmentos/produtos podem desempenhar nesse campo não é desprezível, merecendo atenção especial dos formuladores de política.

É impossível não reconhecer, de forma mais específica, os profundos benefícios que traria para a economia regional (e dos estados de Pernambuco e Alagoas, em particular) um reerguimento da atividade canavieira. Efeito menor mas também de longo alcance, tanto em valor quanto do ponto de vista espacial, teria uma recuperação da cotonicultura regional. Os produtos da pecuária – outra atividade amplamente difundida no Nordeste - também estão a merecer um apoio mais qualificado, posto que somente o produto couros e peles apresentou saldo positivo.

Os resultados reafirmam ainda a importância dos sistemas agroindustriais da castanha de caju e do cacau como geradores líquidos de divisas para a região Nordeste, não obstante os graves problemas que ambos vêm enfrentando nas últimas décadas.

Confirmou-se o acerto da opção pela fruticultura, podendo-se avançar mais, talvez, no seu processamento.

Também é animador constatar que o perfil das exportações nordestinas já não é dominado pelas exportações de produtos “in natura”.

Finalmente, cumpre destacar que a Balança Comercial do *Agribusiness*, tal como aqui apresentada, conquanto não seja um instrumento sofisticado, parece bastante útil como ferramenta de análise, especialmente quando desdobrada nos seus componentes estaduais.

## 6. Bibliografia

CONAB. **Indicadores da agropecuária**. Brasília: CONAB, n. 10, outubro/1999.

CNA. **Indicadores rurais**. Brasília: CNA, n.18, outubro/1999.

HOSSEPIAN, M.; SOUSA, P. H. de. Exportações de frutas batem recorde. **Gazeta Mercantil**, 20/12/1999. (Finanças & Mercados – Agribusiness, p. B-20).

JOHNSTON, B. F.; MELLOR, J. W. The role of agriculture in economic development. **American Economic Review**, v. 51, n.4, p. 566-593, 1961.

KUZNETS, S. Economic growth and the contribution of agriculture in the open economy. In: Reynolds, L.G, ed. **Agriculture in development theory**. New Haven: Yale University Press, 1975.

MYINT, H. Agriculture and economic development in the open economy. In: Reynold, L. G., ed. **Agriculture in development theory**. New Haven: Yale University Press, 1975.